

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVIII - 1999

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

A. M. DIAS DIOGO
Arqueólogo

ANTÓNIO J. NUNES MONTEIRO
Arqueólogo

ÂNFORAS ROMANAS DE «VILLA CARDÍLIO», TORRES NOVAS
“Conimbriga” XXXVIII (1999) p. 201-214

RESUMO: Estudam-se as ânforas provenientes das escavações efectuadas entre 1980 e 1988 em *Villa Cardillo*. Estão presentes ânforas itálicas, norte-africanas, héticas e, sobretudo, lusitanas, com especial realce para a L.3, o que deverá indiciar a produção local de vinho.

RÉSUMÉ: On présent les résultats de l'étude des amphores resultantes des fouilles de *Villa Cardilio* qui, pour la plupart, appartiennent à des productions lusitaniennes. La grande quantité relative du tipe L.3 nous permet de proposer le maintien de la viticulture à *Villa Cardilio*.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÂNFORAS ROMANAS DE «VILLA CARDÍLIO», TORRES NOVAS

Introdução

Publicamos aqui um estudo sobre as ânforas provenientes das escavações efectuadas, entre 1980 e 1988, em *Villa Cardílio*, Torres Novas, dirigidas por António Quinteira, nos primeiros três anos, e pelo segundo autor deste trabalho.

A estação arqueológica corresponde a uma *uilla* peristilada (ALARCÃO, 1988, 5/56). De anteriores escavações, efectuadas por Afonso do Paço em 1963 e 1964, tinha já sido publicada uma asa de ânfora com marca de oleiro: «M.A.R» inscrita numa cartela rectangular e com as letras em relevo, separadas por pontos triangulares (ALARCÃO e ALARCÃO, 1966/67, p. 312, est. IV, n.º 21). Embora o desenho que os autores publicam da secção da asa não a enquadre no tipo Beltrán V/Dressel 20, tanto as características que descrevem para a pasta: “barro cor de café com leite, arenoso”, como as da epígrafe, apontam para que estejamos em presença de um fragmento desse tipo de ânfora (compare-se, por exemplo, com MARTIN-KILCHER, 1987, p. 95), datável de cerca dos meados do século I (MARTIN-KILCHER, 1983, p. 344).

Análise dos materiais

Na seriação que efectuámos das ânforas encontrados durante as escavações, foi-nos possível classificar fragmentos de bordos referentes a 186 ânforas distintas, na sua grande maioria pertencendo a ânforas de fabricos lusitanos (161 = 86,5%). Dentro destas, a ânfora mais frequente é a Lusitana 3, com 69,9% da totalidade dos exemplares. Trata-

-se, com grande probabilidade, de uma ânfora vinária com a produção iniciada nos finais do século I ou inícios do II (DIOGO, 1987, DIOGO e ALVES, 1988/1989). Também vinícola deverá ser a L.14, que aqui nos apareceu com dois exemplares (n.º 32 e 33) e que tem uma datação compreendida entre os meados do século I e os finais do II.

Ainda dentro das ânforas de fabricos lusitanos, vinte e nove bordos pertencem a ânforas piscícolas. Quatorze (7,5%) são do tipo L.2, a ânfora típica da primeira fase da manufactura do pescado na Lusitânia romana, com uma cronologia compreendida entre a primeira metade do século I e os finais do século II. Esta ânfora corresponde a uma evolução da Lusitana 12, mais pequena e de produção essencialmente tibetiana, de que não nos surgiu qualquer exemplar em Cardílio.

Das ânforas piscícolas lusitanas, de cronologia compreendida entre os finais do século II e os inícios do V, registámos dezasseis exemplares. Destes, a maioria pertence ao tipo L.4, com doze ocorrências (6,4%). Trata-se da ânfora característica da segunda fase de produção piscícola lusitana, tendo sido produzida no Vale do Tejo, Vale do Sado, Sines e na Costa Algarvia. Os restantes três exemplares apresentam pastas algarvias ou, talvez béticas (DIOGO, 1995), pertencendo dois ao tipo L.5b (n.º 30 e 31), uma ânfora de grande envergadura, com uma cronologia compreendida essencialmente entre os inícios do século III e os do V. A última (n.º 34) é do tipo L.13 (Beltrán 72), uma ânfora de pequeno porte e cuja ocorrência tem sido muito reduzida, mesmo nas estações algarvias que temos vindo a estudar.

Foi de vinte e cinco o total de bocas de ânforas de origens exteriores à Lusitânia, recolhidos nas recentes escavações de Cardílio, estando representados fabricos itálicos, béticos e norte-africanos.

Dos fabricos itálicos apenas se encontra presente a ânfora Dressel 2/4, com dois exemplares (n.º 1). É uma ânfora vinária, fabricada na Campânia e com o período óptimo de fabrico situado entre os finais do século I a.C. e os do I d.C. Esta forma foi largamente copiada fora de Itália, tendo sido utilizada para envasar vinhos da Gália Narbonense ou da Tarraconense.

Também da África Bizacena apenas foram recuperadas duas bocas, ambas pertencentes a Africanas II A, uma forma que Keay dividiu por razões morfológicas (KEAY, 1984, p. 110-118). Estão aqui atestados os seus dois tipos: IV (n.º 14) e V (n.º 13). São ânforas com uma cronologia que pode variar entre os finais do século II e os inícios do V, serviu para envasar conservas de peixe.

Com vinte e um exemplares, 11,3 % do total (e correspondendo a 84% das ânforas importadas), a Bética surge-nos em Cardílio como a província de origem da grande maioria das ânforas de fabricos extra-lusitanos. Estão presentes ânforas vinárias, piscícolas e oleárias.

Quatro das ânforas héticas pertencem ao tipo Haltern 70 (n.º 6 a 9), ânfora vinícola produzida entre os fins do século I A.C. e os meados do século I d.C. Seis são piscícolas, sendo quatro do tipo Beltrán I, uma do tipo Beltrán II e a última Almagro 51c, uma ânfora cuja morfologia e cronologia é semelhante à do tipo Lusitana 4, mas do qual se afasta pelas características bem distintas da pasta.

A Beltrán I (n.º 10 a 12) tem uma cronologia dos finais do século I a.C. aos finais do I d.C. A cronologia da Beltrán II vai de meados do século I aos finais do século II.

Cerca de metade das ânforas héticas (onze exemplares num total de vinte e uma) são oleárias. Destas, nove integram-se no tipo Dressel 20 (n.º 2 a 4) e duas no Dressel 23 (n.º 5). A Dressel 20 tem uma cronologia dos séculos I ao III, tendo sido substituída pela Dressel 23 nos finais do século III e possivelmente perdurado até ao V.

Ainda dentro das Dressel 20, surgiu-nos uma marca de oleiro, estampada numa asa (n.º 39), atribuível a um *L. Aelius F(...)*, datável do século II e de que se conhece a cidade de controlo: *Astigi* (CHIC GARCIA, 1985, p. 67).

Conclusões

No nosso entendimento, o estado actual dos estudos de ânforas no nosso território, em que a grande maioria dos achados ainda se encontra inédita, sendo impossível fazer uma carta de distribuição dos tipos, ou efectuar comparações estatísticas entre estações, o presente trabalho apenas nos permite apresentar as conclusões mais óbvias, evitando generalizações ou a mera transposição de estudos efectuados para o resto da Península.

É imediatamente evidente a grande importância que as ânforas lusitanas assumem em Cardílio, principalmente as L.3, cuja quantidade relativa deverá indiciar a sua utilização na produção local de vinho. Claramente importante é também o tráfego proveniente da Bética, com pelo menos 84 % das ânforas importadas e a que, talvez haja que acrescentar algum do material que classificamos como Lusitanas de fabrico b.

Dentro das ânforas héticas, é de notar a predominância das oleárias, primeiramente justificável pelos seus largos períodos de fabrico e também, possivelmente, pelo prestígio do azeite da Bética.

As ânforas de origens itálica e norte-africana surgem-nos aqui com o mesmo peso estatístico. As primeiras estão ligadas ao fim das exportações do vinho itálico para o nosso território e a competição com o vinho bético, transportado em ânforas Haltern 70, sendo este um último dos tipos com maior difusão em Portugal. Dentro das ânforas vinárias é de notar o não nos terem surgido ânforas Gaulesas, sobretudo a G.4, o que constitui mais um indício para a provável produção local de vinho.

No que diz respeito às ânforas da África Bizacena, a sua importação poderá estar ligada à diversificação do consumo de conservas de peixe e, de alguma forma acompanhado o tráfico das sigillatas norte-africanas.

Quadro da distribuição quantitativa e percentual por origens e tipos:

ORIGEM/TIPOS	#	%
Lusitânia	161	86,5
L.2	14	7,5
L.3	130	69,9
L.4	12	6,4
L.5b	2	1,1
L.13	1	0,5
L.14	2	1,1
Itália	2	1,1
Dr.2/4	2	1,1
Bética	21	11,3
H.70	4	2,2
Be.I	4	2,2
Be.II	1	0,5
Dr.20	9	4,8
Dr.23	2	1,1
Alm.51C	1	0,5
África Bizacena	2	1,1
Ke.IV	1	0,5
Ke.V	1	0,5
TOTAIS	186	100

Catálogo

1 - (Est. II) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Dressel 2-4.

Lábio perolado e saliente. Asa bífida e ovalada.

Pasta rosada, muito dura e compacta, de grão minúsculo, com abundantes quartzos leitosos e partículas negras.

2 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 20.

Lábio saliente, convexo e introvertido.

Pasta bege-rosada, compacta, muito dura e arenosa, de grão muito pequeno, com quartzos hialinos e partículas negras.

3 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 20.

Lábio triangular, muito saliente, introvertido e de sobeira moldurada.

Pasta bege-rosada, dura e rugosa, com abundantes areias de pequeno grão, quartzos hialinos e partículas negras.

4 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 20.

Lábio triangular, muito saliente, introvertido, de face superior côncava e sobeira moldurada.

Pasta alaranjada, com largo cerne acinzentado, compacta, fina e muito dura, com minúsculas calcites e quartzos.

5 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 23.

Lábio triangular, saliente e introvertido, de face superior muito côncava e sobeira moldurada.

Pasta bege-rosada, compacta, muito dura e arenosa, de grão muito pequeno, com abundantes quartzos hialinos, leitosos e partículas negras.

6 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, de fita, côncavo e saliente.

Pasta bege-rosada, compacta e arenosa, de pequeno grão, com abundantes quartzos hialinos, leitosos e partículas negras, raros nódulos ocres.

7 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, de fita, moldurado e saliente.

Pasta queimada, dura, compacta e rugosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e inclusões negras pouco abundantes.

8 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, de fita, moldurado e saliente.

Pasta acinzentada, dura e rugosa, com abundantes areias de pequeno grão, com quartzos leitosos, hialinos e partículas negras.

9 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Haltern 70.

Lábio extrovertido, de fita, bipartido e saliente.

Pasta bege-rosada, dura e rugosa, com abundantes areias de pequeno grão, com quartzos leitosos, hialinos e partículas negras.

10 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Beltrán I.

Lábio muito extrovertido, de fita, côncava e pendente.

Pasta amarelada, muito branda e fina, com minúsculos quartzos leitosos, partículas negras e raros pequenos nódulos ocres.

11 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Beltrán I.

Lábio muito extrovertido, de fita, muito côncavo, moldurado e pendente, de topo em aba.

Pasta creme-amarelada, muito branda e fina, com minúsculos quartzos leitosos, raras partículas negras e nódulos ferruginosos.

12 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Beltrán I.

Lábio muito extrovertido, de fita, muito côncavo, moldurado e saliente, com o topo em aba pendente.

Pasta bege-rosada, branda e fina, com pequenas fendas longitudinais, minúsculos quartzos leitosos, raras partículas negras e nódulos ferruginosos.

13 - (Est. II) Fragmento de boca e colo, conservando vestígios do arranque superior da asa de ânfora, tipo Keay V.

Lábio extrovertido, curto, ovalado e chanfrado na face externa.

Pasta laranja-avermelhada, dura, compacta e fina, com abundantes minúsculas calcites, quartzos hialinos e partículas negras.

14 - (Est. II) Fragmento de boca e colo, conservando vestígios do arranque superior de asa, de ânfora tipo Keay IV.

Lábio extrovertido, curto, perolado e saliente.

Pasta vermelho-acastanhada, dura e arenosa, com calcites muito abundantes, pequenos quartzos hialinos e leitosos.

15 - (Est. III) Fragmento de boca e colo, conservando vestígios do arranque superior de asa, de ânfora tipo Lusitana 2.

Lábio introvertido, sub-triangular, saliente e de aresta.

Pasta bege-rosada, de textura folheada e arenosa, com quartzos, calcites, abundantes minúsculas micas e raros nódulos ocres.

16 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 2. Lábio perolado, saliente e bipartido.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros nodulos ocres.

17 - (Est. III) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 2. Lábio espessado, triangular, de face superior convexa. Asa de fita, bilobada, arrancando do topo do colo.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros nodulos ocres.

18 - (Est. III) Fragmento superior de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, pendente e moldurado. Colo curto e muito côncavo. Asa de fita, bilobada e arqueada, arrancando do colo e da sobeira do lábio.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres.

19 - (Est. III) Fragmento superior de ânfora de tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, saliente e bipartido. Colo curto e côncavo, diferenciado do bojo por dois chanfros. Asa de fita, bilobada e semi-circular, arrancando do colo e da sobeira do lábio.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres.

20 - (Est. III) Fragmento superior de ânfora, de tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, pendente e moldurado. Colo curto e bitroncocónico, estrangulado.

Asa de fita, bilobada e arqueada, arrancando do colo e da sobeira do lábio.

Pasta rosa-alaranjada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres. Superfícies rosa-alaranjadas, manchadas.

21 - (Est. III) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, ligeiramente côncavo e pendente. Asa de fita, bilobada, arrancando do colo e da sobeira do lábio.

Pasta rosa-alaranjada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres. Superfícies laranja-rosadas, manchadas.

22 - (Est. III) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, triangular, pendente e chanfrado. Colo côncavo, com o lance superior convexo e saliente. Asa de fita, arrancando do colo, sob a sobeira do lábio.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

23 - (Est. III) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, trifacetada e pendente. Colo côncavo. Asa de fita, arrancando do colo, sob a sobeira do lábio.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

24 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, triangular e pendente. Colo côncavo, com o lanço superior convexo e saliente.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

25 - (Est. III) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 3.

Lábio de fita, pendente. Colo bitroncocónico, muito estrangulado, com o lanço superior convexo. Asa de fita, bilobada na face superior, arrancando do colo e da sobeira do lábio.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

26 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 4.

Lábio triangular, boleado e saliente. Colo estreito e côncavo. Asa de fita, arqueada, de face superior trilobada, arrancando do lábio e da parte superior do colo.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

27 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 4.

Lábio triangular, alto e muito saliente, de sobeira convexa. Vestígios de asa arrancando da aresta do lábio e do terço superior do colo.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

28 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 4.

Lábio triangular, saliente, chanfrado na face externa.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nódulos ocres.

29 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 4.

Lábio perolado e saliente, carenado. Colo concavo, com um ressalto junto à sobeira do lábio. Asa de fita, arrancando do lábio e do colo.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres.

30 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 5 b.

Lábio saliente, triangular e boleado. Asa de fita, ovalada.

Pasta creme-rosada, de textura micro-granulosa, muito branda e fina, com minúsculos quartzos hialinos, leitosos e partículas negras.

31 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 5 b.

Lábio extrovertido, triangular, saliente e de sobeira moldurada.

Pasta creme-rosada, de textura micro-granulosa, fina e muito branda, com partículas negras e ocres.

32 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 14.

Lábio de fita, curto, cóncavo e pendente. Asa de fita, polilobada na face superior e arrancando do lábio e do colo.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres.

33 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e vestígios do arranque superior de asa de ânfora, tipo Lusitana 14.

Lábio de fita, saliente, bilobado na face superior por um chanfro profundo.

Pasta alaranjada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros pequenos nodulos ocres.

34 - (Est. IV) Fragmento de boca, colo e vestígios do arranque superior de asa, de ânfora tipo Lusitana 13.

Lábio de fita, muito pendente e de face externa cóncava.

Pasta amarelo-rosada, de textura micro-granulosa, muito branda e fina, com minúsculos quartzos hialinos e leitosos, nodulos ocres e partículas negras.

35 - (Est. IV) Fragmento de fundo de ânfora, tipo Lusitana 2.

Fundo troncoconico, de base convexa e espessada.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros nodulos ocres.

Conserva um grafito, invertido e gravado antes da cozedura.

36 - (Est. IV) Fragmento inferior de ânfora, tipo Lusitana 3.

Fundo largo, de pé em anel e base muito convexa.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos, calcites e raros nódulos ocres.

37 - (Est. IV) Fragmento inferior de ânfora, tipo Lusitana 3.

Fundo cilíndrico, de pé em anel.

Pasta laranja-rosada, de textura folheada e arenosa, com abundantes minúsculas micas, quartzos calcites e raros nódulos ocres.

38 - (Est. IV) Fragmento de fundo de ânfora, tipo Haltern 70.

Fundo troncoconico e massiço.

Pasta bege-rosada, compacta, dura e rugosa, com abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos, raros pequenos nódulos ocres.

Conserva um grafito, gravado no dorso do fundo antes da cozedura.

39 - (Est. V) Fragmento de asa de ânfora, tipo Dressel 20.

Asa cilíndrica.

Pasta bege-rosada, dura e arenosa, com abundantes quartzos hialinos, leitosos e partículas negras.

Conserva uma marca de oleiro estampada no dorso da asa: «A.L.F.O», em relevo, inscrita numa cartela rectangular, de ângulos arredondados (56 X 17 mm.).

Quadro das dimensões dos atributos

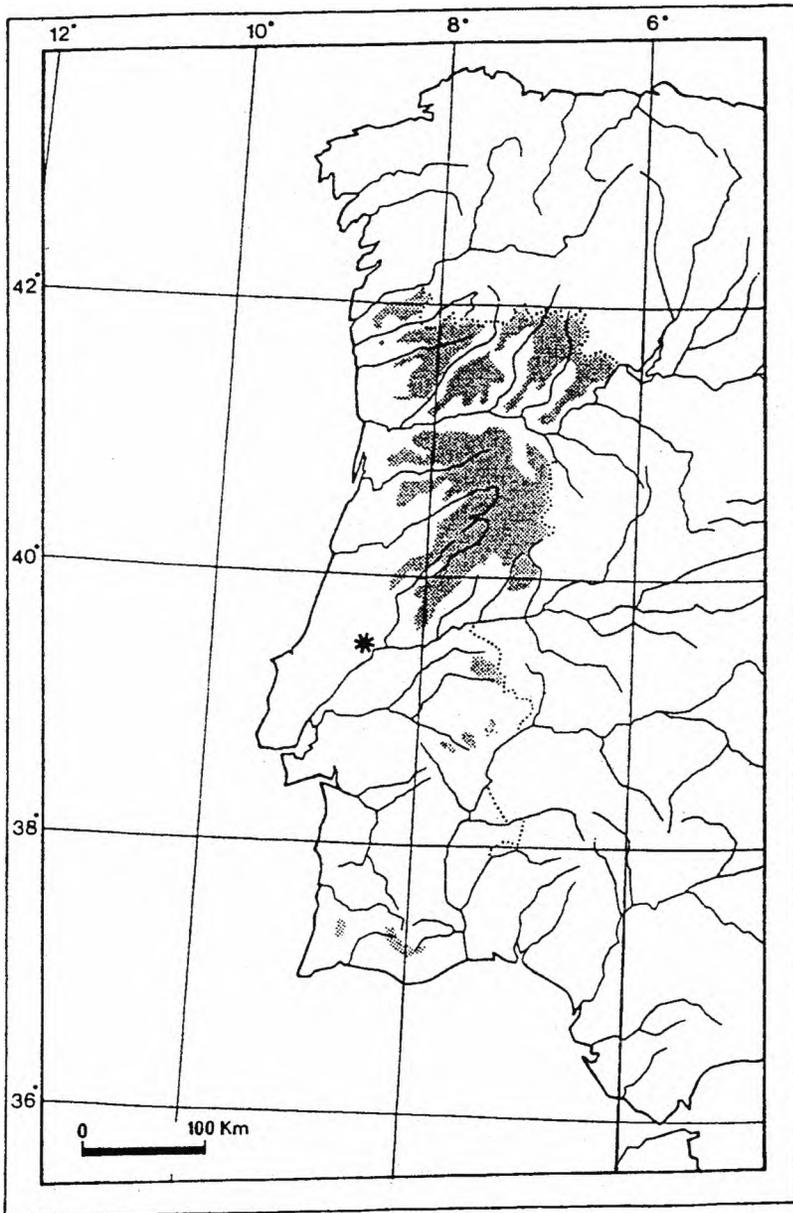
N.º	Lábio			Asa		Colo		Fundo		
	Diâm	Altu	Espe	Larg	Espe	Diâm	Altu	Diâm	Altu	Espe
1	170	22	21	58	23	–	–	–	–	–
2	160	44	34	–	–	–	–	–	–	–
3	168	30	39	–	–	–	–	–	–	–
4	168	43	41	–	–	–	–	–	–	–
5	157	38	34	–	–	–	–	–	–	–
6	160	43	17	–	–	–	–	–	–	–
7	157	41	21	–	–	–	–	–	–	–
8	170	44	17	–	–	–	–	–	–	–
9	141	36	16	–	–	–	–	–	–	–
10	218	40	25	–	–	–	–	–	–	–
11	218	48	30	–	–	–	–	–	–	–
12	226	43	52	–	–	–	–	–	–	–
13	150	25	18	–	–	–	–	–	–	–

N.º	Lábio			Asa		Colo		Fundo		
	Diâm	Altu	Espe	Larg	Espe	Diâm	Altu	Diâm	Altu	Espe
14	149	26	21	–	–	–	–	–	–	–
15	182	29	23	–	–	–	–	–	–	–
16	166	25	21	–	–	–	–	–	–	–
17	183	37	21	–	–	–	–	–	–	–
18	98	27	17	42	17	64	55	–	–	–
19	89	25	12	40	15	54	46	–	–	–
20	104	26	12	41	15	56	52	–	–	–
21	102	26	10	–	–	56	–	–	–	–
22	104	25	15	–	–	60	–	–	–	–
23	109	31	15	–	–	62	–	–	–	–
24	102	24	15	–	–	–	–	–	–	–
25	103	23	12	40	16	50	–	–	–	–
26	103	22	20	46	18	60	–	–	–	–
27	96	23	21	–	–	62	–	–	–	–
28	132	18	17	–	–	73	–	–	–	–
29	120	24	22	–	–	63	–	–	–	–
30	162	28	26	–	–	–	–	–	–	–
31	180	33	31	–	–	–	–	–	–	–
32	142	20	23	51	18	–	–	–	–	–
33	179	30	19	–	–	122	–	–	–	–
34	181	30	29	–	–	–	–	–	–	–
35	–	–	–	–	–	–	–	39	–	88
36	–	–	–	–	–	–	–	79	20	11
37	–	–	–	–	–	–	–	60	46	17
38	–	–	–	–	–	–	–	26	–	112
39	–	–	–	53	48	–	–	–	–	–

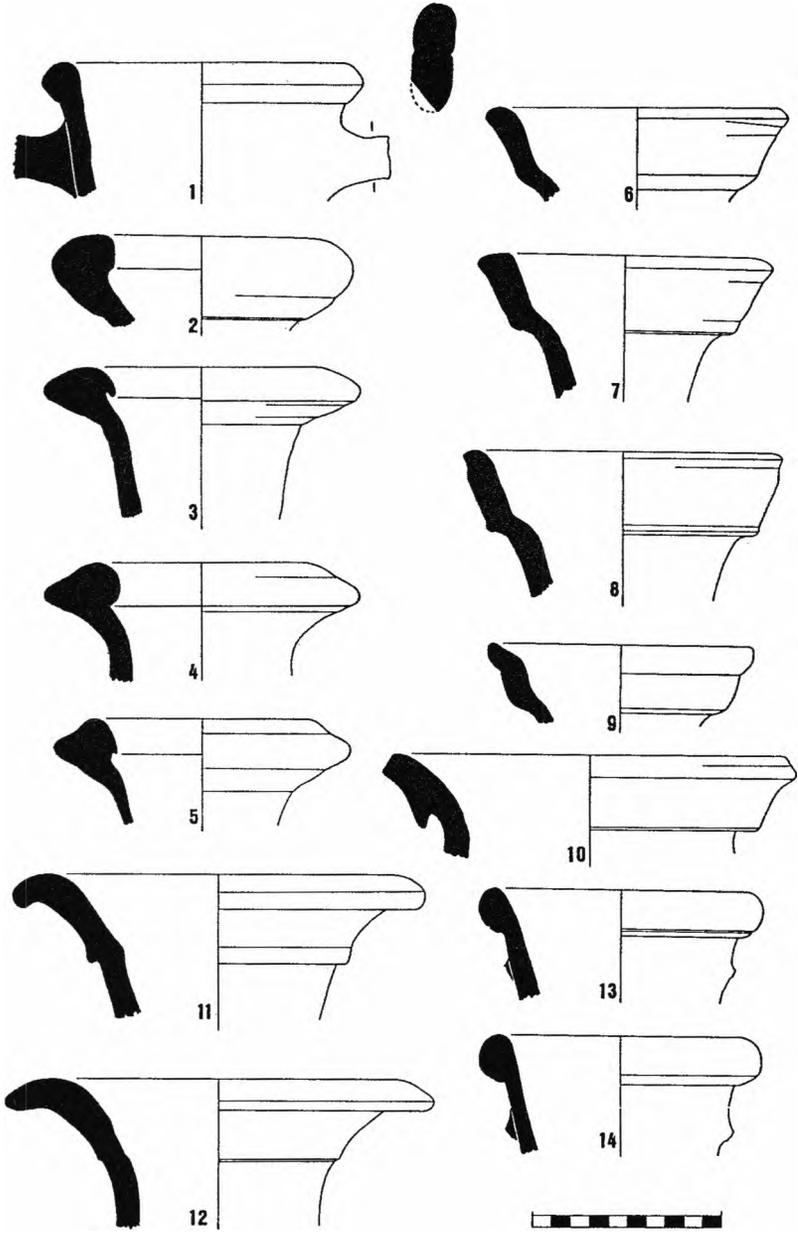
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília e ALARCÃO, Jorge, 1966/67, “Achados da Vila Romana de Cardílio (Torres Novas)”, *Arquivo de Beja*, 23-24, p. 292-320.
- ALARCÃO, Jorge, 1988, *Roman Portugal*, Warminster, Aris & Phillips Ltd.
- CHIC GARCIA, Genaro, 1985, *Epigrafía Anforica de la Bética I*, Universidad de Sevilla, Sevilla.

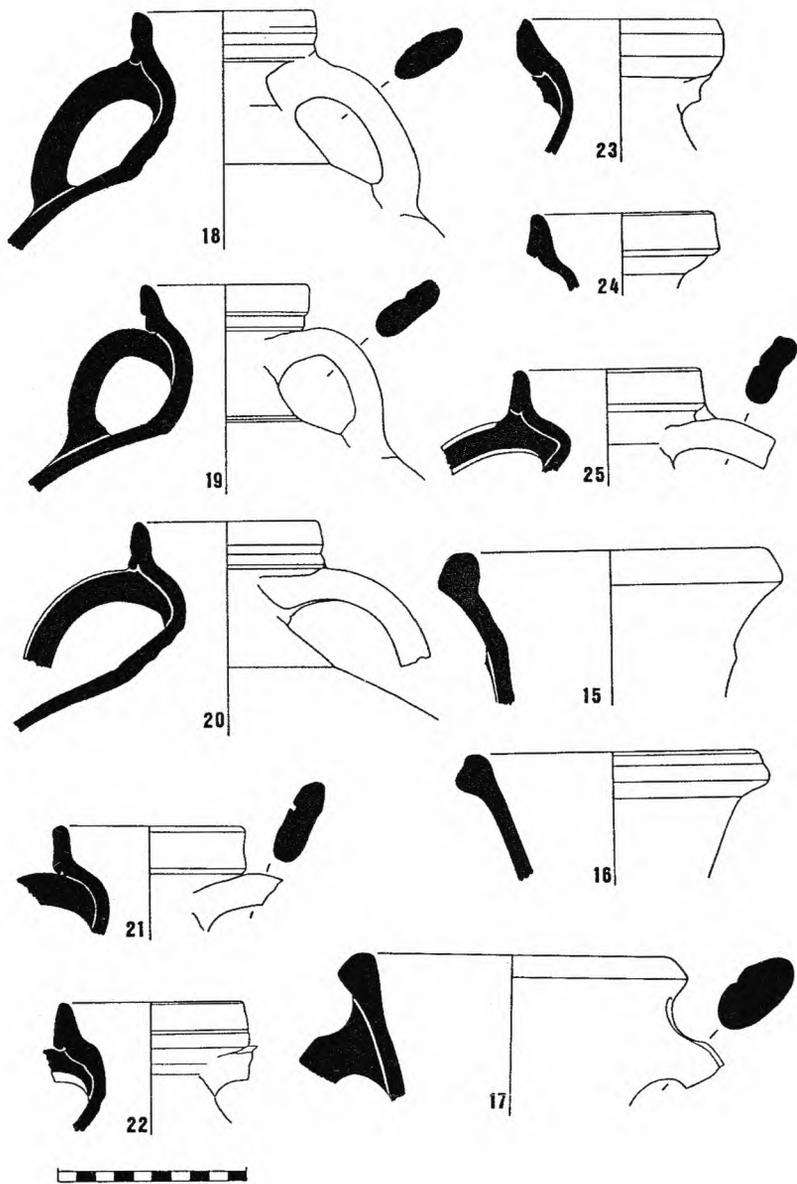
- DIOGO, A. M. Dias, 1987, “Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano”, *O Arqueólogo Português*, 4ª Série, 5, p. 179-191.
- , 1995, “Elementos sobre ânforas de fabricos lusitanos”, *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Lisboa, Vega, p. 283-294.
- DIOGO, A. M. Dias e ALVES, Francisco J.S., 1988/1989, “Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal”, *O Arqueólogo Português*, 4ª Série, 6/7, p. 227-240.
- KEAY, S. J., 1984, *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean* (BAR International Series, 196), Oxford.
- MARTIN-KILCHER, Stefanie, 1983, “Les amphores à huile de Bétique (Dressel 20 et 23) d’Augst (Colonia Augusta Rauricorum) et Kaiseraugst (Castrum Rauracense). Un rapport préliminaire”, *Producción y Comercio del Aceite en la Antigüedad. Segundo Congreso Internacional*, Madrid, Universidad Complutense, p. 337-347.
- , 1987, *Die römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst* (Forschungen in Augst 7/1), Augst.
- MONTEIRO, António João Nunes, 1985, “Villa Cardilio - 1982”, *Informação Arqueológica*, 5, p. 121-122.
- , 1992, “Aplicação de Técnicas Fotogramétricas e Geofísicas em Villa Cardilio (Torres Novas - Portugal)”, *Actas de Jornadas sobre Teledetección Y Geofísica Aplicadas a la Arqueología*, Madrid, p. 157-164.
- PEACOCK, D.P.S. e WILLIAMS, D.F., 1986, *Amphorae and the Roman Economy*, Londres e Nova York, Longman.
- Sci ALLANO, Martine e SIBELLA, Patricia, 1991, *Amphores. Comment les identifier? Aix-en-Provence*, Edisud.



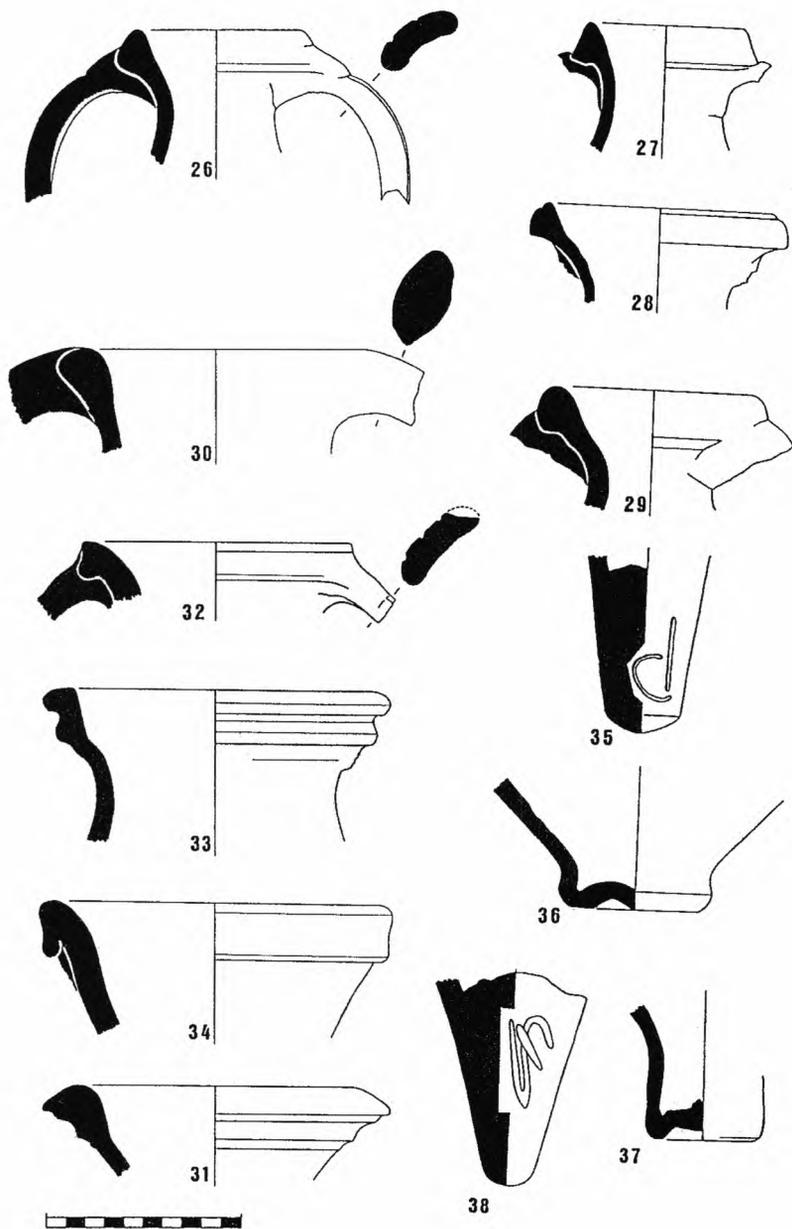
Est. I - Mapa de localização geral de Villa Cardilio.



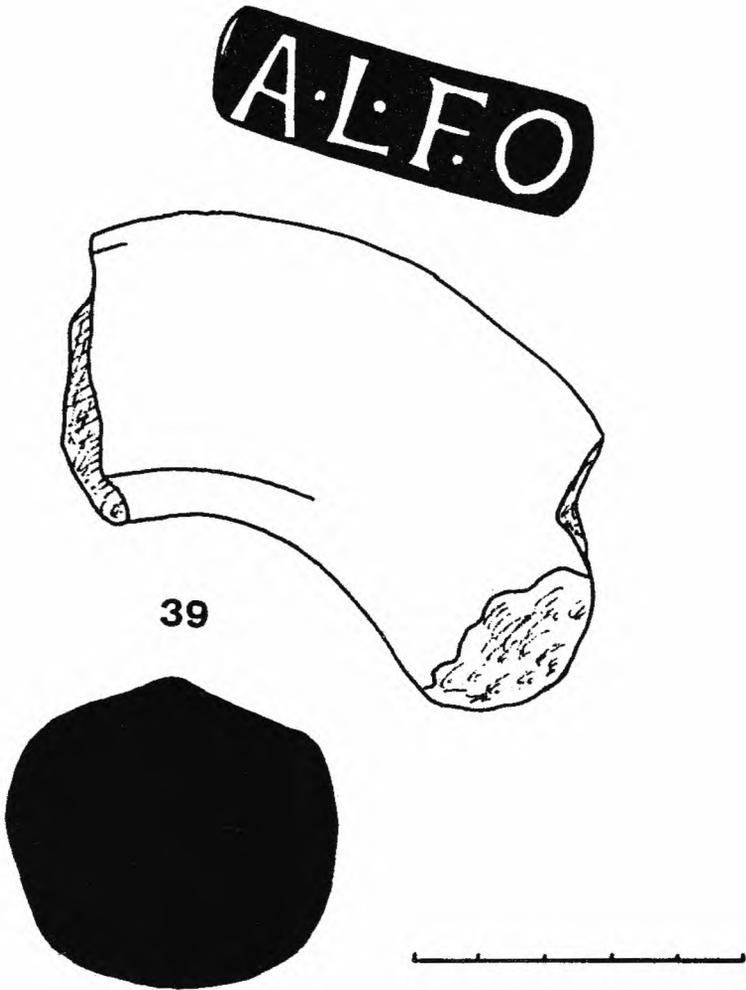
EST. II - Ânforas de Villa Cardillo.



Est. III - Ânforas de Villa Cardilio.



EST. IV - Ânforas de Villa Cardilio.



EST. V - Asa de ânfora Dr. 20, com marca de oleiro, de Villa Cardilio.